

VICTOR DE SA

Refiro-me áqueles que um escritor (ou intelectual, ou político, artista ou cientista) acumula ao longo da sua vida.

O que um escritor produz, verdadeiramente, é aquilo que publica, são as suas obras dadas à luz do dia em vida, consciente e determinadamente.

Mas além do que o escritor publica, há uma série de materiais de oficina que vai acumulando com vista a...: por exemplo, com vista a documentar-se, ou com vista a ensaiar o estilo, esquematizar o conteúdo de uma obra, ou até, com vista a coisa nenhuma, só como coleccionador de materiais ou como intelectual organizado. Como intelectual organizado, pode considerar-se aquele que tem o cuidado de conservar ao menos a correspondência que recebe.

Tudo isto ocorre naturalmente ao longo do seu officio. Nem todos os papéis se rasgam ou se deitam fora. Há um certo apego pessoal a determinadas peças que se vão acumulando, geralmente sem grande arrumação, mas com algum cuidado para se não perderem, para se poder deitar mão a elas quando seja preciso.

E quando serão necessárias ?

Nunca exactamente se sabe. Algumas vezes são-no logo num futuro bastante imediato, e então deixam de ser papéis para serem produto, como obras mais ou menos acabadas. Outras vezes, restam nos esconços dos projectos adiados, e vão ficando soterrados sob outros materiais que se sobrepõem e fazem esquecer os mais remotos.

Mais tarde, ao fim de uma carreira ou ao fim de uma vida, além da obra objectivamente produzida, há na oficina de um escritor (ou de... ou de...) uma quantidade de aparas das obras dadas a público, ou daquelas que se acumulavam à espera de serem organizadas para produção, ou mesmo daqueles testemunhos humanos que se foram urdindo na relação com os outros, sejam eles também escritores

ou não, - e é a tudo isso que resta numa oficina, quando a produção acaba, que se chama espólio: são os despojos da guerra de uma vida, fazem parte dos bens que um escritor deixa à sua morte.

O problema dos espólios só se põe aos escritores (ou... ou...) quando a sua vida física começa a prolongar-se para além da média de vida previsível, ou para além da sua própria capacidade pessoal de produção.

Então, do ponto de vista do autor (ou produtor dos materiais de um espólio acumulado), põe-se talvez quatro casos típicos:

1. O autor morre sem deixar disposições sobre o espólio. Os herdeiros, em conformidade com o Código Civil, passam a ser os seus donos. Frequentemente não se interessam por esses materiais, que até estão a estorvar em casa. Não lhes atribuem qualquer valor material, e deitam fora esses restos de trabalho do falecido. (Se não for à 1ª. geração, será à 2ª. ou à 3ª.). Este é o caso mais vulgar e são numerosos os exemplos que se podem apontar.
2. O segundo tipo surge também no caso de morte. Podem os legítimos herdeiros ter consciência, às vezes sobrevalorizada, do mérito desses materiais, e conservá-los como joias de família, se a casa tem dimensão bastante para esse luxo. Então o espólio fica à espera de uma oportunidade vantajosa para tomar destino. Por sorte, até se poderá fazer fortuna, numa maré que pode nem ser de dificuldades.
3. Mas também há os casos de longevidade, em que o autor não teve coragem ou não quis destruir esses restos do seu trabalho: quem vier atrás que feche a porta. E como o ofício de escritor é muito individualizado, mesmo ensimesmado, a família não está a par dos projectos ou das preocupações do autor. Após a morte, o destino dos materiais é uma autêntica lotaria, deixado ao acaso da maior inconsciência ou irresponsabilidade. Tanto pode dar para bem como para um desastre completo.
4. Finalmente, nos casos de longevidade, pode o autor ter ainda disponibilidade de espírito, que é também um caso de capacidade física, para seleccionar (ou não) e dar destino, o que julgue útil e apropriado, aos materiais acumulados na sua oficina.

Esses serão os quatro casos que me parecem mais típicos e frequentes.

Considerando-me eu abrangido já pelo último ponto - caso da longevidade - passo agora a expor a solução encontrada para o destino do meu espólio. Um espólio que considero modesto e, além disso, limitado. Limitado porque não está na proporção dos anos da minha vida, mas quase apenas dos anos em que vivo na plenitude e com liberdade, isto é, os mais recentes. Os papéis antigos da juventude (por exemplo, correspondência de escritores dos anos 1940) e da resistencia à ditadura não existem. A polícia frequentemente agredia a inviolabilidade dos domicílios e abastecia-se fartamente de tudo quanto fosse papel escrito. Portanto, até por prudência, os papéis desse tempo não os pude coleccionar.

Mesmo assim, só com os papéis mais recentes, recordo-me de se ter enchido uma carrinha quando há oito anos os confiei à guarda da Biblioteca Pública de Braga. Posteriormente, o espólio tem continuado a crescer.

A decisão dessa transferência ocorreu após uma longa e delicada reflexão. Tive que vencer os meus próprios escrúpulos sobre se o espólio podia ter interesse para terceiros. A este respeito, decidi-me por critérios quantitativos: as horas, os dias e os anos que gastei a produzi-los.

Outro aspecto importante era encontrar o destinatário certo: um particular, um familiar ou uma instituição?

Decidi-me pela Biblioteca Pública de Braga por ser aquela que eu frequentei desde os catorze anos de idade e que, ao longo da juventude, me amparou na formação de auto didacta que comecei por ser. Aí, o espólio poderia ter um tratamento técnico adequado, e os meus apontamentos de investigação aproveitados, agora que a Biblioteca faz parte integrante da Universidade do Minho, sede e polo de muitas investigações.

Além disso, na decisão exerceu papel determinante a confiança que me inspiraram os responsáveis dessas duas instituições. A confiança é um factor essencial para determinar o destino a dar a um espólio. Confiança nas pessoas e na continuidade institucional.

O acertado da escolha posso aferi-lo hoje pelo aproveitamento que já produziu nestes dois últimos anos: o conveniente tratamento por uma nável e competente

documentalista - já o aproveitou para publicar uma bibliografia; e presente-
mente está a elaborar um pacientíssimo inventário em conformidade com as
técnicas mais modernas, destinado a consulta por computador.

É certo que, estando eu vivo, este trabalho exercido sobre os meus papéis
me produz a estranha sensação de me sentir como que desentranhado. Mas es-
pero que o produto final da inventariação possa vir a ser útil a quem vier
a ter interesse em prosseguir, porventura, algumas das investigações por mim
encetadas e não continuadas.

Esta relação entre o emissário - eu - e os futuros utilizadores eventuais,
só é possível estabelecer-se por intermédio de um documentalista competente
e com apurada sensibilidade intelectual. Por isso acho da minha parte dever
nomeá-lo aqui: - é a Dr^a. Manuela Nunes, uma jovem profissional que conse-
guiu até despertar-me alguma estima, há muito perdida, pelos textos que com-
puz ao longo da vida. Devo-lhe esta referencia tanto mais que sei das mil
dificuldades e muito sacrificio pessoal, por não dispor de um estatuto pro-
fissional adequado à especificidade do seu trabalho.